

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)  
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

## PRIMEIRA VERSÃO

ANO III, Nº172 - NOVEMBRO - PORTO VELHO, 2004  
VOLUME XI

ISSN 1517-5421

EDITOR  
**NILSON SANTOS**

### CONSELHO EDITORIAL

**ALBERTO LINS CALDAS** - História - UFRO  
**CLODOMIR S. DE MORAIS** - Sociologia - IATTERMUND  
**ARTUR MORETTI** - Física - UFRO  
**CELSO FERRAREZI** - Letras - UFRO  
**HEINZ DIETER HEIDEMANN** - Geografia - USP  
**JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY** - História - USP  
**MARIO COZZUOL** - Biologia - UFRO  
**MIGUEL NENEVÉ** - Letras - UFRO  
**ROMUALDO DIAS** - Educação - UNICAMP  
**VALDEMIR MIOTELLO** - Filosofia - UFSC

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775  
CEP: 78.900-970  
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

# PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

*lathé biosa*

**172**



FLÁVIO DUTKA

## O DITO PELO NÃO DITO: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO CURRÍCULO OCULTO

Vanessa Aparecida Alves de Lima



**Vanessa Aparecida Alves de Lima**

Mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano / USP  
limavanessa@uol.com.br

## **O DITO PELO NÃO DITO :CONSIDERAÇÕES ACERCA DO CURRÍCULO OCULTO**

Não é sem angústia que administradores escolares e educadores acompanham a desestruturação social em nossas escolas. Repetência, evasão, mau aproveitamento nos conteúdos e outros comportamentos transgressivos e violentos, desde a agressão verbal aos colegas até a formação de gangues. Muitos elementos estão por trás destes *problemas*.

Historicamente muitos têm sido apontados como responsáveis pelo fracasso escolar: o primeiro a ser colocado no banco dos réus foi o próprio aluno, sua era a responsabilidade por não ir bem na escola, fosse por fatores biológicos, neurológicos ou familiares. Depois, nesta desprivilegiada posição também foi colocada a família, por fim, o professor vem sendo colocado na berlinda.

Mas há de se considerar que um grande número de professores, depois de colocados nesta posição, tem feito muito para livrar-se do estigma, saindo numa busca desenfreada por novas teorias e formas de ensino. Embora saibamos que há um número significativo de professores que se recusam a mudar de estratégia.

A idéia de *fracasso escolar* há um bom tempo já vem sendo questionada. Cada vez mais a tendência é discutir *o fracasso da escola*, e Maria Helena Souza Patto faz isto magnificamente.

Enquanto instituição educacional, a escola deveria promover a discussão de sua problemática, dadas as peculiaridades de cada comunidade. A LDB e as políticas públicas, cada vez mais, permitem aberturas na discussão e implantação de currículos, inclusive os experimentais. A possibilidade de autogestão que estão experienciando as escolas dá-lhes uma possibilidade de autonomia que, se negociada e aceita pela comunidade, é irreversível e satisfatória.

Contudo, para além dos fatos mais explícitos que possam ser discutidos dentro da escola, há que se considerar o Currículo Oculto.

Em minha experiência profissional, trabalhando com formação de professores, encontrei no curso de pedagogia de uma faculdade particular, muitos alunos que já atuavam como professores, e havia para eles uma grande dificuldade de compreender que por trás do "dito", pode estar o "não dito".

O conceito de inconsciente, embora seja de certa forma um domínio comunitário, pois a psicanálise é hoje a teoria psicológica mais conhecida do grande público (isto não significa aceita), é de difícil compreensão quando se trata de denunciar nossos próprios atos.

Falar de currículo oculto com professores que estão com alguns traços de sua prática já cristalizados, significa questionar a estrutura de sua auto-imagem, sua identidade.

Compreender que tem sido um transmissor dos conteúdos, um raro questionador de sua prática, muitas vezes usado como ponte para chegar ao aluno um currículo oculto com conteúdos que ele não disse, mas "defende".

É inegável que existe no currículo oculto da escola, a ideologia da competitividade – “que vença o melhor” – da discriminação, da marginalização. A ética da defesa do mais bonito, mais simpático, mais comunicativo, mais “limpinho”. Em frases que dizemos “quase” sem perceber, repetidas “mecanicamente”, como: “programa de índio” - para descrever atividades de lazer onde prevemos complicações práticas e falta de conforto; ou, “serviço de preto” - para situações onde a atividade não foi realizada a contento; estão inscritos séculos de discriminação e marginalização do negro e do índio. Idéias que valorizam a produtividade capitalista, onde não conta a colaboração entre os indivíduos, mas a superação de si em detrimento do grupo.

Na escola, é “proibido” colaborar. Não se deve ajudar o colega a fazer a tarefa, nem lhe emprestar qualquer material escolar. Memin (1996) ao observar o comportamento das professoras em sala de aula em classes do Pré-II até a 4ª série, assinalou, concordante com muitos autores, que as regras são impostas à criança, e estas *“impedem contato ou troca entre crianças. “Não converse”, “Não saia do lugar”, “Cada um faz o seu”, “Não pegue material do outro” (...) “Faça sozinho, quieto!”* (p. 63).

A escola distorce o desenvolvimento infantil. O que naturalmente nas crianças se daria em direção à cooperação e ao respeito mútuo<sup>1</sup>, torna-se, na escola, competição e desrespeito ao outro. Raras escolas onde se pratica um respeito ao outro são encontradas nas redes de ensino, sejam elas públicas ou particulares. Araújo (1996) fez uma busca entre as escolas de São Paulo e *“A maior dificuldade encontrada para realizar a pesquisa (...) foi encontrar uma sala de aula que estivesse de acordo com (...) um “ambiente cooperativo””* (p.113-114). Mas o autor encontrou uma sala de aula cooperativa para seu estudo, em Itatiba/SP, o que é para nós um alento, e nos indica ações, norteia o caminho.

Idéias como estas, se diz, são impostas para se manter o sistema. Manter quem “está no poder”. Mas o que é o sistema? Onde estão estas pessoas que estão no poder? Quem são elas? Prefiro sempre, trazer esta idéia de sistema mais próximo dos alunos-educadores.

Muitas vezes, parece-nos que o “sistema” seja algo muito abstrato. Embora não se saiba onde encontrá-lo, estamos vinculados a ele e transmitindo informações valiosíssimas. Por isto mesmo, somos diretamente responsáveis por muito do que transmitimos. Assim como é importante para uma criança na quinta série perceber-se como um habitante do Planeta Terra (que ela está estudando as características), é importante o professor perceber-se como uma peça deste sistema.

É cômoda a posição de sentir-se influenciado “pelo meio” e não responsável pelos próprios atos, já que eles são resultado cultural. Enquanto sabemos que as modificações sociais de uma comunidade só ocorrem a partir de uma conscientização desta.

Enquanto professores do primeiro e segundo graus estão sentados em sua sala de estar assistindo televisão e recusando-se a estudar para melhorar seus conhecimentos, trabalhadores braçais, (semi) analfabetos, aprendem a ler e a escrever com voluntários no período noturno.

---

<sup>1</sup> Vide PIAGET, Jean **O Juízo Moral na Criança** (1932/1994).

O fato é que consciência significa responsabilidade. Quantas vezes nos negamos a saber para não ter que tomar uma atitude – como ao fingir não ver uma agressão física entre alunos na hora do intervalo escolar. Porque não é somente suspender a briga, é conversar, explicar, conscientizar, dispensar tempo (o precioso tempo), atenção e carinho.

Estamos assim, expostos às influências do currículo oculto, bem como somos transmissores do mesmo, mas quase nunca nos percebemos disto. Há, em muitos de nós, uma apatia relacionada ao pensar o que estamos estudando, fazendo, ensinando. Mas até esta apatia nos chega através do currículo oculto: a idéia oculta na apatia em pensar nossa prática é a da 'verdade absoluta e inquestionável das ciências'.

Para tornar mais direta esta explanação sobre o currículo oculto, vamos falar do "Curriculum Vitae", documento descritivo da trajetória profissional do indivíduo, utilizado para se conseguir empregos e melhores posições na escala profissional. Na sociedade competitiva que vivemos, vence o indivíduo de visão triunfalista, onde o documento comprobatório vem em forma de epopéia, onde o herói da narrativa só conhece as vitórias.

Assim como os Curriculum Vitae, os currículos escolares são descritivos de uma epopéia da humanidade, das experiências escolares e científicas, e como aquele, escondem as dificuldades, os fracassos e as coisas que não são "belas". É por isto que sabemos que a "escola da vida" ensina mais do que a "escola da carteira". É por estes fatores que acreditamos ser necessário tomar consciência da situação que nos envolve.

A vida, de nada nos poupa. Testa nossas maiores resistências, nossas crenças e nossas esperanças. A vida na carteira escolar é feita de sucessos escrita nos livros de história que se confrontam com nosso próprio fracasso nas aulas de matemática, química, física, português e outras. A parte oculta dos currículos escolares aumenta nossa tensão, dificulta nossa lucidez, confunde e deturpa nossos pensamentos acerca do mundo.

Para questionar o currículo oculto, devemos todos, não somente os professores, questionar o currículo explícito. Todos, porque o currículo oculto está expresso em todo processo educacional: em todas as áreas, na vivência do cotidiano.

Devemos perguntar-nos: 'por que dizer isto?', 'que uso fará o aluno?', 'a quem e a que serve?' Lembrem-se daquela frase clássica nas cartilhas de alfabetização "o bebê viu a uva"? Nesta frase muito comum pode-se pensar uma situação complexa: 'quem era este bebê?', 'ele gosta de uva?', 'só a viu ou pode comê-la?', 'realmente a viu ou foi um reflexo (atraído pela cor ou movimento)?', 'ele a reconheceu?' – estas e outras perguntas quase em forma de brincadeira, são o primeiro passo para despertar uma consciência do que há por trás do currículo escolar explícito. Frequentemente, o que está por trás são indivíduos que merecem nosso respeito.

Obviamente, nossa prática profissional, nos leva a convocar os professores, preferencialmente, para questionar o currículo oculto. Mas todos podem procurar os significados ocultos na transmissão escolar, na televisão, nos gibis e até mesmo nos contos de fada – aquelas inocentes estorinhas com que embalamos os sonhos de nossos filhos. Questionar o que recebemos e principalmente o que repassamos é mais do que necessário, é um dever de educadores comprometidos.

## **BIBLIOGRAFIA**

- ARAÚJO, Ulisses Ferreira. **O Ambiente Escolar e o Desenvolvimento do Juízo Moral Infantil**. In. MACEDO, Lino. *Cinco Estudos de Educação Moral*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1996.
- BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.
- CECCON, Claudius e outros. **A Vida na Escola e a Escola da Vida**. Petrópolis, Vozes, 1983.
- MARTINS, José de Souza. **Sobre o modo Capitalista de Pensar**. São Paulo, Hucitec, 1986.
- MENIN, Maria Suzana de Stefano. *Desenvolvimento Moral*. In. MACEDO, Lino. **Cinco Estudos de Educação Moral**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1996.
- PATTO, Maria Helena Souza. **Introdução à Psicologia Escolar**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1999.
- PIAGET, Jean. **O Juízo Moral na Criança**. São Paulo, Summus, 1994

## VITRINE

**DIVULGUE:**

PRIMEIRA VERSÃO  
NA INTERNET

**<http://www.unir.br/~primeira/index.html>**

Consulte o site e leia os artigos publicados

*Vejo a distância  
cada armadilha  
Piso no ar  
com a cautela  
da mosca  
Mas é tão doce  
e bonita  
cada uma delas  
que vou me jogando  
numa após outra,*

**CARLOS MOREIRA**